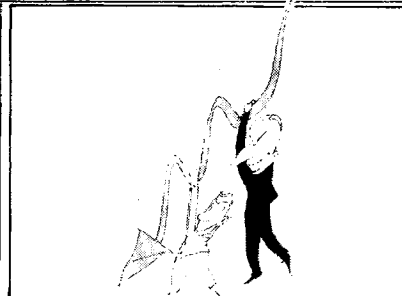


Juros caem nos EUA. A bolsa dispara.

Duas conseqüências da queda das taxas: a dívida dos países credores ficou menos cara e a Bolsa de Nova York bateu todos os recordes de sua história.

A queda das taxas de juros no mercado norte-americano deu ontem um grande impulso ao mercado de ações, com a Bolsa de Valores de Nova York, por exemplo, registrando cotações sem precedentes e o índice Dow Jones fechando, pela primeira vez em sua história, acima da marca de 1.300 pontos.

A decisão da Reserva Federal dos EUA de reduzir sua taxa de desconto de 8 para 7,5%, no fim da semana passada, animou novas instituições financeiras a reduzirem sua **prime rate** (taxa cobrada aos clientes preferenciais, incluindo países credores, como o Brasil) para o nível de 10%, o mais baixo dos últimos seis anos e meio. Ontem, a expectativa dos especialistas era de que a redução de meio ponto percentual (o nível anterior era de 10,5%) deve se propagar por todo o



sistema bancário norte-americano.

Os técnicos dizem que a decisão da Reserva Federal mostra sua vontade de facilitar o fluxo de dinheiro na economia, por causa da aparente debilidade do setor industrial, fortemente afetado pela alta do dólar e o aumento das importações. Segundo as últimas estatísticas oficiais

A essa análise, aliás confirmada pela própria Reserva, se juntam comentários de que o motivo secundário da decisão foi o de tranquilizar os mercados financeiros, nervosos diante das crises das instituições de poupança e empréstimo em Ohio e Maryland e da falência de várias firmas de títulos governamentais.

Por sua vez, o próprio presidente da Junta da Reserva Federal, Paul Volcker, afirmou ontem que a intenção era "prestar assistência no processo de crescimento ordenado e caminhar para a estabilidade de preços". Ele disse que "seria ótimo contar com uma pequena ação orçamentária" para acelerar esse processo, numa referência às dificuldades da administração Reagan em controlar seu déficit orçamentário.

Entre os bancos que reduziram ontem sua **prime** para 10% estão o Morgan Guaranty Trust, Chemical Bank, Marine Midland, Manufacturers Hanover, Bank of Chicago e Continental Illinois; ambos de Chicago, Mellon Bank, de Pittsburgh, United Missouri Bancshares, de St. Louis, e a Trust Company, de Atlanta.

No mercado de capitais dos EUA, o ritmo febril das operações, segundo os analistas, se deve à crença de que as taxas de juros podem cair ainda mais. "Há uma crescente tendência a se acreditar que, devido ao fraco desempenho da economia, poderá ser necessário o estímulo de taxas ainda menores", dizia ontem um operador da Bolsa de Nova York, para quem a queda dos juros pode ser "maior do que muita gente pensa".